

Falando de Minas

A Casa do Baile

Projetada para completar o Conjunto Arquitetônico da Pampulha, dotando-o de um espaço para o lazer popular, a Casa do Baile é um dos raros exemplos de que o atendimento a um programa banal — um restaurante e casa de dança — resultou em um dos mais importantes monumentos da arquitetura mundial, graças à virtuosidade de seu autor, o arquiteto Oscar Niemeyer, e da visão ampla e generosa de seu realizador, o prefeito Juscelino Kubitschek.

Estimulado pela liberdade proporcionada, por um lado, pela ausência de barreiras e de restrições legais e, por outro, pela vontade política de construir um novo e moderno bairro, diferente de tudo o que antes havia na cidade, Niemeyer implantou em uma pequena ilha às margens da Lagoa da Pampulha um volume aparentemente circular do qual se desdobra uma generosa marquise a delimitar claramente o ambiente aberto do jardim, unificando o salão principal à pequena edícula lateral que abriga sanitários e um palco para apresentações ao ar livre.

A marquise da Casa do Baile é muito mais importante do que mero abrigo à chuva ou ao sol: é ela o principal elemento do projeto, que estende o espaço de convívio para além do interior do salão circular, ampliando a continuidade entre aquele espaço, mais formal, e o espaço exterior, do terraço abrigado e do jardim. É a marquise que conforma a transição entre ambos, mais larga e protegida no intervalo das portas de entrada, mais delgada e aberta nos seus desdobramentos curvilíneos, cuja maior função é constituir um fechamento, claro limite entre um lugar público e a lagoa. Maior virtude é constituir esse limite preservando as belas visadas que se vislumbram desde aquele lugar, reforçando seu usufruto ao formar justamente neste intervalo de vistas privilegiadas um espaço de sombra que estimula a permanência.

A Casa do Baile não é, portanto, um edifício circular — a casa — implantado sobre a ilha, cujos espaços residuais conformariam seu jardim. A Casa do Baile é o conjunto de espaços que, vencida a ponte de acesso, se conformam em sutis diferenciações entre uma casa aberta, ampla, com o evento ao ar livre que a marquise e o palco externo propiciam, e a outra casa, abrigada, protegida,

interiorizada e menor, que dá lugar ao evento mais formal. Apesar de serem duas, há uma profunda interação entre ambas, indissociáveis, através do extenso pano de vidro, que as interliga visualmente e da marquise que configura sua transição.

No seu interior, de novo a virtuosidade do arquiteto se revela: não são os espaços fechados que interessam, mas o grande lugar público. Para construir um salão circular que fizesse repercutir a aparente forma circular exterior do edifício, Oscar Niemeyer abriga os apoios em uma meia-lua resultante da interseção de dois círculos, que ele astuciosamente oculta para quem de fora vê o edifício através da mudança da opacidade da parede externa: o ponto de inflexão entre as duas curvas coincide com o encontro entre a parede opaca de azulejos e o plano transparente de vidro.

Com isso, serviços e apoios passam a conformar os limites que definem os próprios espaços públicos, abrigando, com a fundamental contribuição da marquise, um grande espaço integrado que revela sutis demarcações territoriais a configurar um domínio semi-público pela separação e limite definidos pela ponte de acesso em relação à calçada e à rua, bem como a definir gradações entre a praça de chegada, aberta ao céu, a marquise, espaço aberto abrigado, e o interior, protegido e fechado.

Nesta notável transição entre público e privado, o vazio, mais do que o volume circular do edifício, se torna o grande articulador que confere ao monumento seu caráter aberto e sua relevância como lugar público.

Destituída de seu uso original há anos, a Casa do Baile passou por fases decadentes até que, em 2002, foi restaurada pelos arquitetos Álvaro Hardy e Mariza Machado Coelho, a partir do risco original de Oscar Niemeyer. Desde então passou a abrigar o Centro de Referência de Urbanismo, Arquitetura e Design. A mudança de destinação do uso, neste caso, vem assegurar a preservação efetiva de um dos maiores patrimônios da arquitetura mundial, conferindo-lhe pleno uso público, conforme sua vocação original, nem sempre realizada plenamente ao longo de sua história. E é a própria casa, neste contexto, já o principal acervo deste Centro de Referência. A Casa do Baile, monumento histórico e instituição, nos ensina que a arquitetura e a cidade são para todos.

Carlos Alberto Maciel